## Cantares de Outono: tempo de colheita poética de Artur Eduardo Benevides<sup>1</sup>

Angela Gutiérrez<sup>2</sup>

"Da Poesia ou do Luar a dormir nas pálpebras da Amada" de Artur Eduardo Benevides

1

De repente,

Tudo se fez urgente.

Meu tempo (irresgatável) morre.

A última esperança me socorre.

E a poesia

É a única forma de sabedoria.

Onde, contudo nos aguardarão

As uvas do Paraíso e da Canção?

Tendo em mim o azul das valsas nos coretos,

Ou o queixume final de lívidos sonetos,

Sou o que sobrou. Fui.

O verso, em êxtase, flui.

E sei: quanto menos navegar,

Mais súplicas terei do Mar.

2

Que irei cantar?

Os poslúdios do verbo em minha voz

Ou o vôo veloz

De algum falcão perdido a se salvar?

Direi versos puros como a água da serra

Ou a Última corrida de touros em Salvaterra?

<sup>1:</sup> Discurso de apresentação da coletânea *Cantares de Outono ou Os Navios Regressando às Ilhas*, de Artur Eduardo Benevides, em solenidade de lançamento na Reitoria da Universidade Federal do Ceará, como evento integrado às comemorações do Ano Cinqüentenário da UFC e do Centenário de seu fundador, reitor Martins Filho, em promoção do Gabinete do Reitor e do Instituto de Cultura e Arte da UFC – ICA, no dia 6 de dezembro de 2004.

<sup>2:</sup> Prof<sup>a</sup> Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, diretora do Instituto de Cultura e Arte da UFC, escritora e membro da Academia Cearense de Letras.

E as frágeis porcelanas das pavanas Que nos trouxeram estrelas na alvorada? O mundo sem ritmo não é nada. E cantarei até o fim dos dias, Mesmo a enfrentar cruéis infantarias. Cantar como um destino. Ou um sonho de menino.

"O resto é silêncio", eu poderia agora dizer como o bardo inglês, na voz de Hamlet, e calar-me, ou, como o bardo dos lusitanos, eu poderia reconhecer que "valor mais alto se alevanta" e para cantá-lo não me ajudam engenho e arte, e calar-me. No entanto, na amena cordialidade desta noite amiga, em que nos reunimos nos jardins da casa-símbolo de nossa universidade cinqüentã para honrar Artur Eduardo Benevides, forçoso é que eu erga a minha voz, mesmo que de antemão saiba que com ela não alcançarei cantar a grandeza do Mestre de todos nós.

O anfitrião dessa noite, o Magnífico Reitor da UFC, Prof. René Teixeira Barreira, conhecendo-me admiradora fiel da arte do Poeta Artur, distinguiu-me com a honra de hoje lhes apresentar seu mais recente livro de poemas *Cantares de Outono ou os Navios regressando às Ilhas* e, sabendo-me discípula de Mestre Artur desde meus dezoito anos, confiou-me a missão de ser a voz de nossa Universidade a reconhecer seu relevante papel como protagonista da história da UFC, no momento em que, nas comemorações do Ano Cinqüentenário e do Centenário do fundador, o sempre reitor Martins Filho, nossa instituição se olha no espelho da memória e tenta redesenhar seu passado para, com as lições que daí advenham, construir seu presente e seu futuro.

Membro do brilhante grupo de pioneiros que implanta e consolida a área de Literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC, instalada em 1963, — José Maria Moreira Campos, com fina inteligência e instigante humor, nas disciplinas de Literatura Portuguesa, Pedro Paulo Montenegro, com o ardor de sábia juventude formada em Espanha, na novíssima Teoria da Literatura, e Artur Eduardo Benevides, com profundo conhecimento cultural e sensibilidade crítica, em Literatura Brasileira - Mestre Artur, ainda na década de sessenta, notabiliza-se como criador da disciplina Literatura Cearense, que veio a ser paradigma para outras disciplinas congêneres em faculdades de Letras de nosso estado e de outros estados do país. Aliás, a disciplina, ao centrar-se no estudo de autores cearenses inaugura, em nossa faculdade, importante ramo de pesquisas, hoje desenvolvidas no Programa de

Pós-Graduação em Letras e que terão continuidade, ainda, através do acervo que o Instituto de Cultura e Arte – ICA oferecerá aos estudiosos com a implantação do Arquivo-Museu do Escritor Cearense, atualmente em fase de projeto com a colaboração da Dra Neuma Cavalcante.

Como administrador universitário – chefe do Departamento de Letras e diretor do Centro de Humanidades -, nosso homenageado age com serenidade e competência, mostrando-se sempre avesso a mesquinharias e perseguições; ao contrário, sempre honrando a universidade em todas as funções administrativas que exerce e nos colegiados em que participa.

Depois que Mestre Artur retira-se do palco universitário e dedica-se integralmente a seus afazeres literários, a universidade, atenta à sua meritória vida acadêmica, outorga-lhe o título de Professor Emérito e , assim, guarda sua memória na galeria daquelas a serem respeitados e imitados por gerações que lhe sucedem.

Ao oferecer-lhe a edição de *Cantares* e a sua noite de autógrafos, o Magnífico Reitor, em nome de toda a universidade, homenageia-o também como um grande poeta brasileiro, que chega à idade oitentá com a lucidez e o talento do jovem poeta do grupo CLÁ e com a maturidade artística de seu longo e producente exercício poético que lhe rendeu a publicação de mais de 40 livros que, por sua vez, fizeram-no merecedor de mais de 30 prêmios e de inumeráveis ensaios críticos e dissertações acadêmicas.

"Cantar como um destino. Ou um sonho de menino", último verso da primeira página dos *Cantares de Outono* que há pouco li, é dito emblemático dessa coletânea de poemas e, mesmo, de toda a poesia de nosso bardo de Pacatuba e do mundo. Em sua bela trajetória na arte poética o Poeta Artur sempre cumpriu a literatura como seu destino maior e conservou íntegro seu coração de menino.

Cantares de Outono... No nosso imaginário de cearenses praianos ou sertanejos, curtidos pelo sol ou molhados com as bênçãos da chuva do inverno tropical, o outono nos chega , belo e solene, talvez através dos versos de um poema - "Les sanglots longs des violons d'automne, blessent mon coeur d'une langueur monotone" -, ou das telas da natureza de impressionistas como Manet, Monet, Renoir..., ou talvez nos venha como em entressonho, na recordação ou no desejo de um passeio ao largo dos cais de la Seine, as folhas de châtaignier a caírem, rouges et jaunes, e o vento a levá-las e a ondular as pontas franjadas da écharpe que nos protege do frio sous le ciel de Paris. É, no nosso imaginário, o outono fala, sobretudo, em francês.

Não é somente esse, porém, o outono que os cantares do Poeta Artur desvelam. É muito mais o outono como tempo de colheita, que permite (ouçamos o poeta):

Cantar, sim, sob qualquer medida, restaurando a vida. (p.26)

É outono, sim, estação em que as sementes germinam e nascem, outra vez, meninas. É quando o Poeta faz reviver a esperança através da bela oração "Mon ange gardien", em que revela:

"Je poursuis l'arc-en-ciel de l'ultime esperance" (p.109)

Se Meu Pai, Luciano Cavalcante Mota, amigo mais velho do Poeta, e que há pouco partiu, no esplendor de seus noventa anos, deixando tanta e tão dorida saudade, explicava sua longevidade pelo culto da esperança como virtude teologal, o Poeta, também, em seu cantar no outono, apega-se à esperança como símbolo do amor à vida:

Tudo é pobre depois que as almas cansam E as esperanças nelas já não dançam. (p.33)

E em outro poema:

Uma esperança a mais nunca me cansa. (p.66)

A esperança que reside no outono do poeta faz renascer um de seus mais persistentes leit-motives: Dom Quixote, o herói de la Mancha que, no próximo ano, cumpre quatro séculos de convivência com os leitores do mundo.

Nosso Poeta afirma: "Sou irmão de Quixote" (p.55); e no poema "Canto de louvor" (p.93), seu eu lírico, na travessia em busca da Amada, almeja percorrer os caminhos do último cavaleiro andante:

Depois , num cavalo de sonhos, seguiria a trote A procurar, na Mancha, os êxtases do Quixote, Com quem aprenderia cousas triunfais E não choraria diante do – Jamais. Em outro poema, "Breve Canção de Amor" (p. 95), não apenas invoca o Cavaleiro da Triste Figura, mas se metamorfoseia metaforicamente em Quixote:

E eu, Dom Quixote em ânsias de amor, ponho pés invisíveis em campos impossíveis e vejo-te, *au-delà*, na Estrela do Pastor.

A imagem do Quixote, o viandante em busca do ideal, portando o estandarte da esperança, ilumina a travessia poética do Mestre Artur. Assim, ser irmão de Quixote é ser também um andarilho, como o Poeta se reconhece em "Madrigal Pleno":

E vejo grande luz parada em tua andança Iluminando, como um vitral, nossa esperança, Que ficará assim Até o fim, até o fim. (p.100)

E é com a palavra esperança que quero terminar esta minha fala: esperança em um mundo melhor e mais justo, esperança em uma educação democrática e eficiente em nosso país, esperança em que se cumpram os sonhos de nossa jovem universidade cinquentã, esperança em que os versos de nosso Poeta Artur caiam em terra fértil e semeiem a paz, o amor aos homens e às artes e, sobretudo, a esperança.